



A (DES) ORGANIZAÇÃO REGIONAL NA ÁSIA CENTRAL

LA (DES) ORGANIZACIÓN REGIONAL EN ASIA CENTRAL

Jonathan Christian Dias – UFRRJ – Rio de Janeiro - Brasil

Jonathan_christian95@hotmail.com

Emerson Ferreira Guerra – UFRRJ – Rio de Janeiro - Brasil

roptyc@gmail.com

RESUMO

A Ásia Central possui uma diversidade cultural muito ampla, aprofundada e acentuada através de batalhas e domínios de grandes impérios e nações que ocuparam a área nos últimos séculos. Com o fim da bipolaridade mundial, em 1991, os países da Ásia Central que estiveram integrados a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), de ora em diante precisavam organizar-se para se estabelecerem ao novo modelo econômico homogêneo no mundo. Com tudo, o modelo de organização territorial mandatário sobre qual a todos estes territórios estiveram ao longo do século XX, concebeu em seu curso contrastes, que ao final do período soviético, provocaram certos desequilíbrios que hoje produzem assimetrias inter e intra-regionais a Ásia Central. O objetivo deste artigo é apresentar algumas dessas dessemelhanças e entender como isso aflige a composição territorial centro-asiática.

Palavras-chave: Geografia Política, Região, Ásia Central

RESUMEN

Asia Central posee una diversidad cultural muy amplia, hecho más profundo y acentuado a través de luchas y dominios de gran imperios y naciones que habitaron la zona en los últimos siglos. Con el fin de la bipolaridad mundial, en 1991, los países de Asia Central que estuvieron integrados a La Unión de las República Socialista Soviética, a partir de ahora necesitaban

organizarse para establecerse al nuevo modelo económico homogéneo en mundo. Con todo, el modelo de organización territorial mandatário sobre cuál estos territorios estuvieron a lo largo del siglo XX, concibió que su curso contrastaba, al final de los tiempos de la Unión Soviética, provocaron algunos desequilibrios que hoy producen asimetrías inter y intrarregionales a Asia Central. El objetivo de este artículo es constituir algunas de esas disimilitudes y comprender cuando eso aflige el composición territorial Centro Asiática.

Palabras clave: Geografía política, Región, Asia Central

INTRODUÇÃO

O fim da Guerra Fria (1947-1991) remodelou todo o mapa político mundial e também o espaço geopolítico internacional. A dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), trouxe ao campo mundial diversas novas repúblicas independentes. Dentre esses novos Estados, na parte central do continente asiático, surgem cinco: Cazaquistão, Uzbequistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e o Quirguistão. Esse conjunto de territórios, possuem algumas semelhanças culturais, tiveram boa parte de sua identidade suprimida durante os tempos soviéticos, o que levou as questões regionais centro-asiáticas que surgiram ao final do século XX, e se complexificaram no século XXI.

As transformações mundiais durante este período, afetaram os países de forma rigorosa, que agora precisam encarar de forma direta diversas questões socioculturais e econômicas, para que a evolução dos países fosse possível e não transcorresse um reforço da divisão estrutural societária na Ásia Central. Todavia, as heranças que ficaram remanescentes deste período sobre a região, conduziram toda a área para um perigoso conflito de poder, que não permitiram uma pluralidade de formas territoriais e uma liberdade política, cultural, religiosa e identitária aos povos que ali habitam.

Neste contexto, a Geografia, e em especificamente o campo da Geografia Política, se faz necessário para que possamos entender as entrelinhas das relações de conflitos que ocorreram ou ocorrem nos territórios centro-asiáticos, através da relação entre o poder e território, e assim possamos fazer uma análise sobre a formação e organização (ou desorganização) regional da Ásia Central, através das diferentes ideias de território sobrepostas na área, e como a possível

elaboração de um censo identitário nacional comum nos novos países, cooperam ou não para o cenário regional homogêneo.

Desta maneira, estruturaremos o presente artigo de forma que possamos realizar uma análise de tal assunto, baseada em nossa complexa cadeia de ideias que utilizaremos para chegar a conclusão do tal estudo proposto neste trabalho. Dessarte, a organização desta produção, composta por uma metodologia pautada em um extenso levantamento bibliográfico sobre as temáticas aqui abordadas, está posta em três aspectos: Uma revisão acerca do conceito de região ao longo dos tempos, as formas territoriais na Ásia Central, e por último, as contribuições que essas formas territoriais geraram para o um possível regionalismo na área, identificando em diferentes escalas, quais são as suas perspectivas.

O CONCEITO DE REGIÃO NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Quando nos indagamos sobre a origem do termo “região”, diversas são as acepções comportadas no interior desta ideia. A datar do século XIX, a epistemologia regional vem sofrendo variações, desde visões que encetam de um determinismo ambiental, possibilismo, nova geografia até a geografia crítica. Segundo o renomado geógrafo, Roberto Lobato Corrêa, em seu livro “Região e organização espacial”, “o conceito de região está ligado a noção fundamental de diferenciação da área” (CORRÊA, 2000, p.22), ao passo que Paulo Cesar da Costa Gomes entende que a conceituação da região possui ligações “...no campo da discussão política, da dinâmica do Estado, da organização da cultura e do estatuto da diversidade espacial” (GOMES, 1995, p.52). A cada era existente dentro da história do pensamento geográfico, o conceito de região sofre, como já afirmado anteriormente, uma modificação de acordo com a corrente que a utiliza analiticamente. Entretanto, a região, tem suas bases essencialmente conexa com outras ideias (HAESBAERT, 2010).

Estritamente, a região está ligada ao território e também ao espaço. Como nos aponta Milton Santos (2006), o espaço é anterior ao território. O território, é justamente o resultado das correspondências dentro do espaço, que por sua vez está na retaguarda das ideias de região e território (HAESBAERT, 2010). E assim como a ideia territorial pode ser forjada em múltiplas dimensões, como por exemplo, administrativa (estatal) ou simbólica, sofrendo um certo grau de complexidade e exigindo daquele que a estuda um exercício de percepção, sobretudo, entre as relações de conflitos, traços e poder vivos em um dado território, do mesmo modo, o conceito de região comporta em seu curso um processo de complexificação que demonstra não somente uma classificação espacial de um certo grupo e um determinado território, mas sim copiosos elementos que podem estar ou não em convergência em uma dada região.

A epistemologia regional sofreu ao longo de sua existência, modificações que a diversificava conforme a corrente de conhecimento pela qual estava sendo acionada. No século XIX, o entendimento de região era sistematizado no chamado determinismo ambiental, que baseava na corrente determinista (produzida sobretudo por Ratzel, em seus estudos sobre o Estado). A “região natural” produzia uma concepção em que a região, era concebida através de combinações de fatores de ordem naturais (clima, vegetação, geologia), que as diferenciavam uma das outras (CORRÊA, 2000). Ademais, essa ideia de região natural difundia uma reflexão pautada no entendimento “...de que o ambiente tem um certo domínio sobre a orientação do desenvolvimento da sociedade” (GOMES, 1995, p. 55). Em oposição a este entendimento de região natural, e da escola alemã que elaborou e reproduziu o determinismo ambiental, o filósofo francês Auguste Comte (1798-1857) surge com a corrente positivista. A corrente positivista, que se baseava na observação, como essência de seus estudos e resultados (FERREIRA, SIMÕES, 1986, p. 66-67), passa a fazer parte do senso científico e também influência a ciência geográfica daquele período. Os geógrafos possibilistas produzem então um novo entendimento sobre região. Um entendimento onde não mais os fatores climáticos passam a ser determinados ou modeladores de uma sociedade. Na visão positivista, as relações entre o grupo social e a natureza, vão modelar uma relação determinante que

desenvolve elementos características próprias a cada território. (CORRÊA, 2000). É nesta corrente de pensamento, que surge Paul Vidal de la Blache, (1845-1918), considerado o criador da Geografia descritiva (ou regional). O trabalho do Geógrafo, neste período, era a observação de dada região e apontar as particularidades que a diferenciava de uma outra região. Ou seja, a ciência geográfica basicamente aponta as diferenças entre regiões, fazendo uma descrição do perfil (cultural, natural) de uma determinada sociedade e um determinado território.

O grande lapso desta geografia descritiva apontado pelos geógrafos críticos, uma corrente que surgiu nos anos 50, do século XX, é a não sistematização dos elementos resultantes da interação entre o homem e a natureza, com os padrões descritivos. Ou seja, não se considera novos elementos que modificariam toda uma dinâmica social e natural de determinada região, considerando essa como algo finalizado (CORRÊA, 2000). Ou seja, a Geografia descritiva não estabelecia nenhuma análise profunda e relações entre os elementos que se encontravam dentro de uma determinada região (GOMES, 1995). Essa nova corrente geográfica, crítica, que iremos nos aprofundar um pouco mais a frente, era uma oposição a chamada “New geography” (Nova Geografia). Essa nova geografia tem como pressuposto “a organização do espaço segundo tipologias que expressam padrões matemáticos” (MOREIRA, 2009, p.40). Ou seja, essa corrente geográfica enxerga a região a partir de uma visão quantitativa, através de “técnicas estatísticas descritivas” (CORRÊA, 2000, p.32). Seu objetivo era muito axiomático: quantificar certos elementos de determinados territórios.). Esta prática, que passa a fazer uma chamada “análise regional”, desenvolvem duas perspectivas regionais: homogêneas, como determinadas semelhanças espaciais ou mensuradas estatisticamente. Já a segunda perspectiva, chamada polarizada, as regiões seriam vistas a partir das múltiplas relações que ocorrem em seu interior, formando uma região heterogênea.

Partindo desta perspectiva (quantitativa), a nova geografia cria, na concepção da Geografia Crítica, uma desigualdade espacial, visando somente uma chamada “hierarquização espacial” (GOMES, 1995, p.65) presente no

sistema econômico hegemônico no mundo, o capitalismo. Essa Geografia Crítica, corrente composta por nomes como Milton Santos, Yves Lacoste, Paul Claval e outros, que influenciados pelo materialismo histórico e dialética marxista, partem e desenvolvem mais um marco para o conceito de região. Nessa corrente, o entendimento de região deve ser visto sobretudo a partir da divisão internacional o trabalho, imposto pelo capitalismo. Na concepção desses geógrafos, a divisão socioespacial desenvolvida pelo modelo econômico vigente, cria espaços e conseqüentemente regiões com grandes diferenças econômicas entre si, onde alguns países centrais (ou regiões) exploram recursos, mão-de-obra e até mesmo a economia de terceiros, desenvolvendo então uma relação de interdependência e poder entre as regiões.

Portanto, a conceituação de região em seu status quo não é invariável. O significado de uma compreensão regional sofre transições conforme aquele que a utiliza. Por isso, o entendimento acerca da região centro-asiática é algo mutável e possível diferentes definições, que associado a este fator figura o elemento territorial.

AS ORGANIZAÇÕES TERRITORIAIS NA ÁSIA CENTRAL

A Ásia Central sempre foi uma área de disputa entre diversos imperadores, tendo sido parte, por exemplo, do Império Mongol e Império Russo. Também foi uma das áreas conquista pelo Árabes durante a conquista mulçumana da Pérsia, no primeiro milênio d.C. Os primeiros habitantes da região, segundo Gleason (1997, p. 27) citado por Duarte (2014, p. 82) "... eram nômades, que se deslocaram do Norte e do Leste para o ocidente e para sul". Em um período longínquo, a região fora habitada por diversos povos, como por exemplo, povos turcos, indo-iranianos e também povos do Oriente Médio. (ABAZOV, 2008).

O domínio soviético na área, ocorre após a Revolução Russa, em 1917, intensificou a polarização social já iniciada pelo Império Russo, que invadiu a

região no século XIX. A invasão da área pelos russos, ocorre principalmente pela instabilidade na área, que não possuía uma entidade política comum que a controlasse, o que não gerava um equilíbrio político, e agregado a isso, a guerra civil norte-americana (1861-1865), afetou o fornecimento de algodão aos russos, que enxergaram na região uma saída para suprir as suas necessidades no setor. (RASHID, 2002). O modelo territorial imposto pelos Russos, aos povos centro-asiáticos, que naquele período eram diversos e ao seu modo, a cada qual intentavam a uma identidade e organização política própria, trouxe a região em um primeiro momento o agravamento de uma série de tensões já existentes. Ao serem todos integrados ao modelo territorial zonal, aquele a qual Haesbaert (2014) refere-se como delimitado, fechado e com um forte controle sobre quem entra e sai de dentro dele, e utilizado pelo modelo territorial estatal, imposto na organização geográfica do espaço, segundo Porto-Gonçalves (2002), desde a Paz de Westfália, fizeram com que as diferenças existentes na região estivessem vivendo de forma compulsória sobre a mesma regra.

Apesar de receberem em seus nomes o sufixo “-istão”, que venha indicar um sentido de propriedade, um sentimento de pertencimento de um determinado povo sobre aquele território, nos países centro-asiáticos essa interpretação pode não ser cabível. Isto ocorre, pois quando os Russos ao forçarem e imporem um modelo estatal de organização espacial, e reforçado pelos bolcheviques após a conquista definitiva da área durante o século XX, quando Stalin propõe a região uma divisão babélica, tentando evitar que na área fosse existente novos focos de revoltas contra Moscou, semelhantes às dos Basmachi, grupo de opositores composto em sua grande maioria de mulçumanos tradicionalistas que lutavam contra o exército vermelho, sobre a liderança do comandante otomano Enver Pasha. (ROUDIK, 2007), anos antes. A divisão proposta por Stalin divide a área de forma que as entidades territoriais pertencentes a determinados grupos, estivessem dentro da jurisdição de outra república. Por exemplo: a cidade de Samarcanda, hoje no Uzbequistão, possuía em sua grande maioria indivíduos da etnia tadjique, sendo considerada, inclusive, a capital cultural deste povo.

De forma efêmera determinadas tradições, heranças e práticas de determinados grupos étnicos foram dissipados e proibidos. A lógica territorial-

estatal dos soviéticos transfixou as outras possíveis formas de territorialização dos indivíduos da região. Esta sistemática opressão cultural e, por conseguinte, de organização territorial, acumulou dentro da região durante o período soviético, níveis de tensões que começaram a dar sinais já no apogeu da URSS. Toda a estrutura nacionalista forjada pelos soviéticos, que o filósofo francês Louis Althusser chama de “aparelhos ideológicos do Estado” (ALTHUSSER, 1985, p.69), já não eram mais suficientes para controlar as identidades oprimidas e agora pulsantes dos povos centro-asiáticos. Com a independência desses territórios da URSS, em 1991, as questões regionais começaram a se tornarem mais intensas por dois motivos básicos: 1) Durante o período soviético, os russos em muitos cenários sem o apoio das populações locais, colocaram no poder central destas repúblicas dirigentes russos, que não buscavam necessariamente atender as demandas locais. Quando não dirigentes russos, os locais que estavam no poder, possuíam ligações diretas com as elites étnicas dos países, negligenciando outras minorias naquele espaço. 2) A fragmentação territorial da Ásia Central, promoveu espaços desiguais. Como já abordado acima, a organização territorial não respeitou as outras formas territoriais já existentes na área. Aquilo que Haesbaert (2007) chama de multiterritorialidade, na Ásia Central foi suprimida, e com isso criou-se uma espécie caldeirão étnico para a área.

Desde então, a área se tornou um campo de disputa de poder em diferentes escalas. Essa disputa de poder, criou durante o final do século XX e ao longo do século XXI, uma espécie de regionalismo centro-asiático muito distinto, que não necessariamente são excludentes, estando em muitas situações sobrepostos. Esse regionalismo na área, pode ser para atores externos tanto uma desorganização, quanto uma organização, uma vez que a definição para tal declaração depende exclusivamente de seus interesses sobre os territórios que ali estão presentes.

REGIONALISMOS CENTRO-ASIÁTICO: ORGANIZADO OU DESORGANIZADO?

Desde 1991, a Ásia Central sofreu (ou vendo sofrendo) algumas consequências graves da fragmentação territorial que se manteve durante o período soviético. As disputas políticas entre as elites locais, agravou e contribuiu para tal divisão intra-regional dos países. Em sua grande maioria, os países centro-asiáticos possuem enclaves de uma etnia minoritária em seu espaço. Isso é visto, por exemplo, no Quirguistão, Tadjiquistão e outros. Além disso, a formatação territorial do período soviético, gerou a distribuição das diferentes etnias da região sobre todos os territórios. No Quirguistão, por exemplo, os uzbeques se apresentam como a segunda maior nacionalidade do país, segundo o comitê nacional de estatísticas da Republica Quirguízia¹.

A centralização do poder causada pelos novos (velhos) dirigentes dos países, que em boa parte eram os secretários gerais dos partidos comunistas das repúblicas, e venceram as eleições convocadas em 1991, após a independência de Moscou, já próximo ao final da URSS, causaram as disputas entre as elites locais e os grupos étnicos minoritários que se organizaram contra a perpetuação de um novo modelo político e econômico, mas na mão dos antigos políticos. Essa disputa pelo poder, chegou a luta armada no Tadjiquistão, que entre os anos de 1992 e 1997, esteve em Guerra Civil, gerando um grande número de mortos e refugiados para os países vizinhos. O país que durante a era soviética, dentro de suas fronteiras já era extremamente dividido entre os dirigentes do partido em Dushanbe, capital do Estado, e a leste, na região de Gorno-Badakhshan onde a grande maioria étnica até os dias atuais são os Pamiris, que falam um dialeto diferente do idioma tadjique e seguem o ismaelismo (ramificação xiita do islamismo), segundo Davlatshoev (2006), enquanto a maioria da população tadjique segue a o islamismo sunita. Essa

¹ Total population by nationality. National Statistical Committee of the Kyrgyz Republic. 2018. Disponível em: <http://www.stat.kg/en/statistics/naselenie/> - Acesso em: 09/08/2018

divisão regional permanece os dias atuais, tendo a área ganho o status de região autônoma após o fim da guerra civil.

As manifestações identitárias oprimidas durante o período soviético, agora se expressam, em alguns atos de anseios separatistas ou de instauração de um califado islâmico em toda a região, como foram os casos do Movimento Islâmico Uzbeque (MIU) e do Hizb ut-Tahrir. Os interessados em manter o poder político não estavam dispostos a perder tal posição. Para tal, promoveram governos autoritários, com perseguição política e religiosa a todos aqueles que se opunham aos seus sistemas governamentais.

Esses grupos de oposição, segundo a qual Ratzel se refere como “resíduos políticos” (COSTA, 1992, p. 38), se movimentam e criam suas bases em um nacionalismo que foi abafado durante anos e agora podem surgir como gatilhos para novos modelos territoriais e identitário, que não é favorável para os dirigentes centro-asiáticos e seus parceiros externos. O nacionalismo, que surge a partir do interesse de elites políticas em fortalecer uma ideologia política, sobretudo em Estados sem organização política (GEARY, 2005), também serve como estímulo para outras situações de regionalismo centro-asiático. No Quirguistão, por exemplo, grupos nacionalistas se utilizam de tal método para reforçar uma separação entre as regiões norte e o sul do país, que contém uma grande quantidade de uzbeques. Tal artifício, fora utilizado em 2010 pelo presidente deposto Kurmanbek Bakiyev, ao promover uma perseguição étnica contra os uzbeques, numa tentativa de instaurar o caos no país e impedir uma nova reforma política e novas eleições. Tal ação provocou a morte de mais de 400 pessoas², entre uzbeques e quirguizes, e o refúgio de mais de 100,000 uzbeques para o Uzbequistão³. A questão entre ambas as etnias já havia estourado também durante o período soviético, com um conflito ocorrido em 1990. Os governos Quirguizes seguintes também não foram capazes de diminuir as diferenças entre o sul e norte do país, existindo até os dias atuais um

² Osh Anniversary: Uzbek Recounts Friendship Forged Amid Adversity. RFE/RL . 2015. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/osh-violence-anniversary-uzbek-kyrgyz-friendship/27065304.html> – Acesso em: 07/08/2018

³ Evidence of Plans for Kyrgyz Violence. New York Times. 2010. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2010/06/16/world/asia/16kyrgyz.html> – Acesso em: 07/08/2018

sentimento de que os uzbeques do sul deseja a criação de uma região autônoma, a exemplo de Gorno-Badakhshan no Tadjiquistão, e também questões sociais que inclusive, afetam as condições de vida dos que moram na região⁴⁵⁶.

Em uma escala intra-regional, como observamos a região possui uma dissemelhança, onde não podemos considerar que tal situação se apresenta de forma homogênea, havendo uma paridade de semelhanças para a classificação de território, consideradas as diásporas etnias em territórios que não necessariamente estão dentro da sua noção de pertencimento e de sentimento comum criado pelo nacionalismo. As etnias uzbeques, por exemplo, poderiam a qualquer reivindicar uma separação do território quirguiz, e se unirem ao território uzbeque. O mesmo pode ocorrer em Gorno-Badakhshan, no Tadjiquistão, ou no Cazaquistão, que possui uma enorme quantidade de russos ao norte do país, sendo inclusive a língua mais falada na região⁷.

Visto de uma outra perspectiva, inter-regional, a região aparece de forma organizada a partir de uma série de elementos que podem variar dependendo daquilo que se busca definir e justificar. Para a maioria das organizações supracionais, como o Banco Mundial por exemplo, considera a Ásia Central todas as cinco ex-repúblicas soviéticas que se firmaram na região entre a Rússia e China: Uzbequistão, Turcomenistão, Cazaquistão, Tadjiquistão e Quirguistão. Seguindo a mesma lógica, a OMC também considera Ásia Central essas cinco nações constituídas no período pós-soviético. Já o FMI, em sua divisão econômica regional, faz uma confluência da região ao Cáucaso, devido as grandes reservas de gás que se encontram entre Cáucaso, o Mar Cáspio e a Ásia Central. A ONU é mais uma das que compreendem Ásia Central através

⁴ Kyrgyzstan: Language and Media Still Sensitive Subjects in Southern Regions. Eurasianet. 2012. Disponível em: <https://eurasianet.org/node/66068> - Acesso em: 07/08/2018

⁵ Kyrgyzstan: Where the Restaurants in Osh Have New Names. Eurasianet. 2011. Disponível em: <https://eurasianet.org/node/63866> – Acesso em: 07/08/2018

⁶ Kyrgyzstan: Uzbeks Dropping Out of School at Alarming Rate. Eurasianet. 2014. Disponível em: <https://eurasianet.org/s/kyrgyzstan-uzbeks-dropping-out-of-school-at-alarming-rate> – Acesso em: 07/08/2018

⁷ A Tale Of Russian Separatism In Kazakhstan . 2014, Disponível em: <https://www.rferl.org/a/qishloq-ovozi-kazakhstan-russian-separatism/25479571.html> - Acesso em: 10/08/2018

dessas cinco repúblicas já citadas. E concluindo, Organização Mundial da Saúde, que também delimita seus estudos da região, partindo da mesma premissa.

O professor em antropologia social da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, Dr. Uradyn E. Bulag, explica que o primeiro termo designado para a área, e amplamente difundido após o colapso do estado soviético foi “Eurásia”. Segundo Bulag, a expressão “surgiu na década de 1920 entre os etnólogos, geógrafos e lingüistas emigrantes russos na Europa Ocidental” (BULAG, 2005, tradução do autor)⁸. O Grupo de Estudos da Eurásia (GEEu), da Universidade Federal do Pampa, campus Santana do Livramento, define a região como “...a grande massa de terra que abarca o continente europeu e o continente asiático. Por outro lado, para alguns pesquisadores, trata-se apenas dos países imediatamente herdeiros do antigo espaço soviético.” Como o próprio grupo reconhece, a definição da região é algo que sofre alternância de acordo com o escopo adotado por aquele que se dedica ao estudo da área.

Assim entendemos que para boa parte do ocidente, as classificações ao entorno da Ásia Central estão ligadas a uma visão quantitativa considerando aspectos e indicadores econômicos como suas principais bases para tal classificação. Para os países aliados da região, como China e Rússia que possuem muito interesse na área, tanto para a exploração de recursos como para a construção de estruturas para escoamento de produção, também não é significativo se considerar outros aspectos para uma classificação de organização regional centro-asiática. Ambos os países não estão interessados em minorias reivindicando uma maior pluralidade territorial, isso significaria um território fragmentado, gerando riscos para as suas intenções geopolíticas na região.

⁸ As with any other meta-geographical construct, Eurasia or Central Eurasia does not have a fixed, universally accepted boundary. The concept of Eurasia came into being in the 1920s among Russian émigré ethnographers, geographers and linguists in Western Europe. (Bulag, 2005)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é interessante para os líderes (tanto centro-asiáticos, quanto os externos) a ideia de novos modelos territoriais na região, pois isso iria afetar diretamente suas relações econômicas. Além do mais, desde o fim do bloco soviético e até os dias atuais com organizações, como por exemplo, o Estado Islâmico e Talibã, a Ásia Central se apresenta como a última grande fronteira de estabilidade e segurança com o Afeganistão, para países que possuem situações de separatismos semelhantes a que ocorrem na área, como é o caso da Rússia com o Cáucaso, e a China com a Província de Xinjiang. A forma de organização regional que hoje se adota para a classificação da Ásia Central em boa parte do mundo, desconsidera diversas variáveis históricas e identitárias, e entendemos que isso esteja diretamente atrelado a interesses econômicos, geopolíticos e principalmente territoriais. As relações de poder do Estado com o território, criaram zonas de exploração, onde cada área de um Estado se torna absolutamente importante para a competição econômica no sistema capitalista. A extração de recursos, exploração de minerais para a exploração de energia e outros campos, se tornam importantes diante de quaisquer reivindicações e aspirações a outras formas territoriais, que não seja a já imposta pelo modelo estatal. Por isso, muitos países possuem interesses diretos em uma manutenção da situação atual de repressão, perseguição e governos altamente autoritários na Ásia Central. O investimento feito para que esses governos permaneçam na forma como estão, variam desde custos militares até na construção de estruturas e construção civil, pois minimamente tais dirigentes permitem a não proliferação de uma instabilidade regional que afetaria diretamente as relações econômicas e até mesmo a composição territorial de outros países.

A (des) organização regional centro-asiática, em uma escala nacional, fragmentada, e em escala internacional, unida, varia de acordo com a ótica em que enxergamos e nos aproximamos da região. Na área se desenvolveu uma repressão e centralização do poder entre alguns poucos, que não possuem uma

disposição efetiva em promover uma democracia, uma igualdade cultural, política e uma evolução para os povos da região.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABAZOV, Rafis. **The Palgrave concise historical atlas of central Asia**. Palgrave Macmillan: Nova Iorque, 2008

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos do Estado**: Notas sobre os aparelhos ideológicos do Estado (AIE). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BULAG, Uradyn. Where is East Asia? Central Asian and Inner Asian Perspectives on Regionalism. **The Asian-Pacific Journal**. Disponível em: <https://apjff.org/-Uradyn-E.-Bulag/1557/article.html> – Acesso em: 10/03/2018

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região**: Um Conceito Complexo. In.: Região e Organização Espacial. São Paulo: 7. Ed, Ática, 2000, p. 22-36.

COSTA, Wanderley M. Da. **A geografia política clássica**. Ratzel e os fundamentos de uma Geografia do Estado. Geografia política e geopolítica. Discursos sobre o território e o poder. São Paulo: Edusp. 1992.

GEARY, Patrick J. **O mito das Nações**: a invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

GOMES, Paulo C. da C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995, p. 49-76.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

_____. **Regional-Global**: Dilemas da região e do Regionalização na Geografia Contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, v. 9 n.º 17, p. 19-45, 2007. Disponível em: <<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/213>>

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: CECEÑA, A. E.; SADER, E. (Orgs.). **La guerra infinita: hegemonía y terror mundial**. Buenos Aires: Clacso, 2002.

RASHID, Ahmed. **El auge del islamismo em Asia Central**. Barcelona: Ediciones Península. 2002.

ROUDIK, Peter. **The History of the Central Asian Republics**. – Westport: Greenwood Press, 2007.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Jonathan Christian Dias: Licenciando em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Instituto Multidisciplinar. Possui interesse na área da Geografia humana, com ênfase em Geografia Política, Geopolítica e Geoestratégia.

Emerson Ferreira Guerra: Professor do curso de Geografia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, no campus de Nova Iguaçu. Coursou a graduação em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia UFU (2002), mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2004) e doutorado pela Universidade Federal Fluminense UFF. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana. Desenvolve um trabalho Indigenista há mais de uma década tendo a oportunidade de trabalhar com vários povos em diversos estados brasileiros na condição de pesquisador, educador, assessor técnico e consultor nas áreas de meio ambiente, Gestão territorial, identificação de terras indígenas, educação, saúde e segurança alimentar.

Recebido para publicação em 30 de outubro de 2018.

Aceito para publicação em 18 de novembro de 2018.

Publicado em 22 de novembro de 2018.